



**O futuro
da arquitetura
desde 1889**

—
**Uma história
mundial**

—
**Jean-Louis
Cohen**

A arquitetura da reforma social

No período entre as duas grandes guerras, as transformações próprias à cultura arquitetônica se conjugaram com a intensificação de políticas sociais, resultando em um novo tipo de entidade urbana: a *Siedlung*, para usar o termo alemão, ou seja, o bairro residencial equipado e autônomo. Tal modelo tem evidentes origens na cidade-jardim; contudo, o ideal algo nostálgico, anterior a 1914, de uma morfologia inspirada em aldeias passou a ser apenas uma dentre as várias estratégias adotadas.

O forte empenho de autoridades e cooperativas na produção não apenas de habitações, mas também de equipamentos educacionais, de saúde, esportivos e cívicos, abriu um vasto mercado para os arquitetos, que deixaram de depender de suas relações pessoais com uma clientela burguesa. Tirar proveito de tais programas para realizar a *Wohlfahrtsstadt* – a cidade do bem-estar, à qual foi dedicada em 1927 uma exposição em Stuttgart – exigia, da parte dos profissionais, uma aliança sólida com os novos patrocinadores e uma alteração significativa no seu modo de trabalhar. Ao contrário das medidas radicais de coletivização adotadas na URSS e tendo raízes nas doutrinas de John Maynard Keynes em defesa da intervenção estatal na solução de problemas econômicos, as mudanças que as políticas sociais prometiam eram graduais e se dirigiam mais à crescente massa de funcionários administrativos do que aos operários. → 1

O largo espectro de reformas intervindo diretamente no domínio da vida doméstica, sobretudo na cozinha, e no da educação teve como consequência o surgimento e a difusão de novos tipos de edifícios, como o prédio multifamiliar, a piscina municipal ou a escola ao ar livre. A escassez de habitações no pós-guerra e, uma década depois, o *crash* econômico de 1929 iriam impor novos métodos construtivos tendo por base uma menor variedade tipológica e a produção em massa de componentes padronizados. Políticas deliberadas para a criação de uma arquitetura em moldes industriais continuavam extremamente raras, porém os esforços nesse sentido

continuariam a ser desenvolvidos apesar da falta de incentivos oficiais, sem contar as tentativas de dar uma imagem de produto industrial a edificações construídas tradicionalmente.

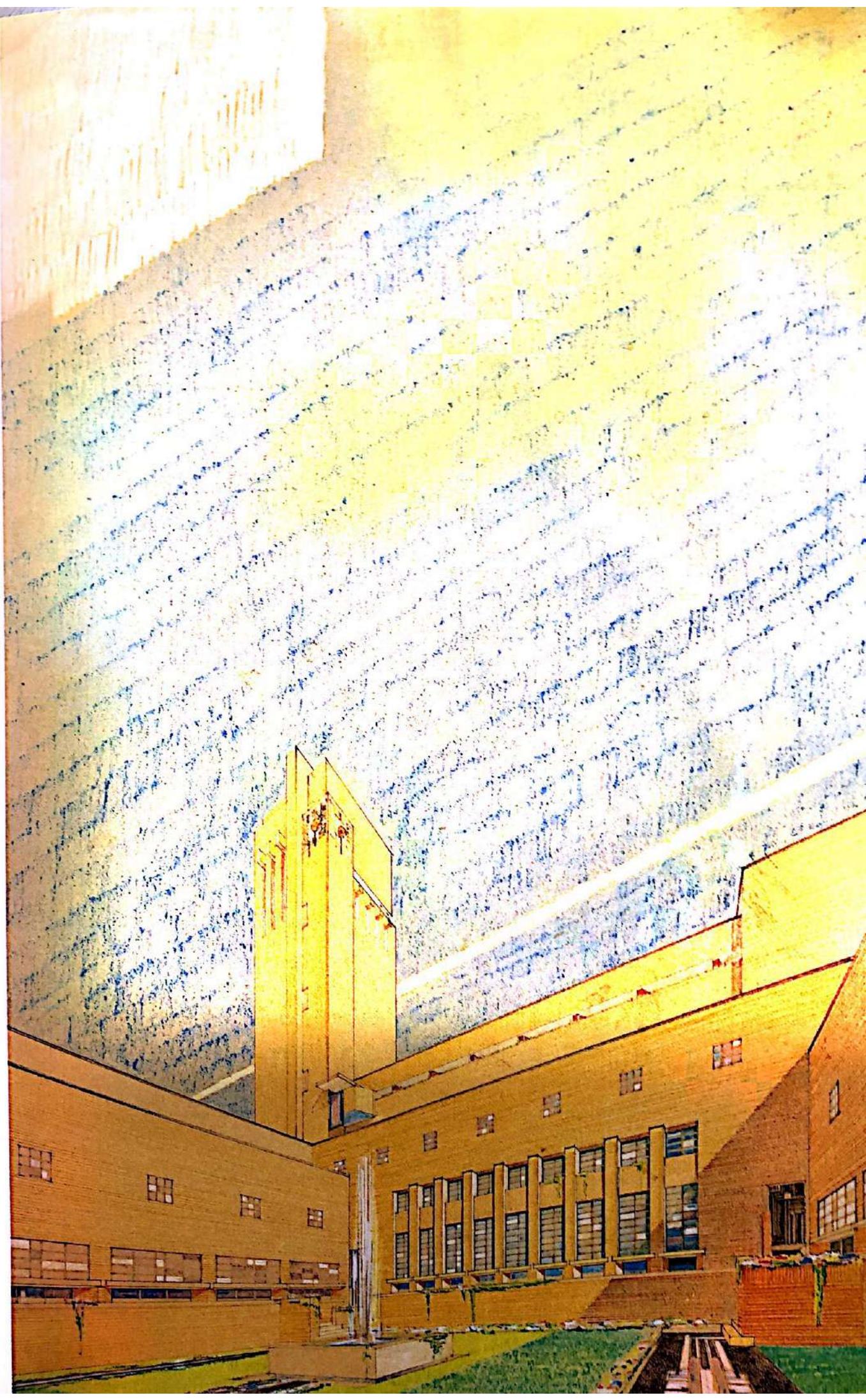
Modernizando a cidade

Com o fim da guerra, a Europa se tornou um imenso canteiro de obras voltado para a expansão urbana e a redução dos cortiços. Todavia, a modernização não se dava apenas na esfera do que Karl Marx definiu como a reprodução da força de trabalho. Na era do taylorismo e do fordismo, as cidades desempenhavam um papel decisivo também na organização das trocas comerciais e na condução da economia, o que intensificava a pressão sobre as áreas centrais das cidades para a implantação de escritórios e infraestruturas diversas. A prática do zoneamento se estendeu à escala da cidade como um todo e até mesmo de regiões inteiras, como no caso do Ruhr, na Alemanha, onde em 1920 foi fundada a Associação de Ocupação da Região Carbonífera.

Tanto Le Corbusier como Ludwig Hilberseimer se interessaram pela forma do centro da cidade e desenvolveram projetos polêmicos. Na Cidade de Três Milhões de Habitantes e no Plan Voisin, de Corbusier, o centro ficaria reservado apenas aos negócios e sua realização a cargo da iniciativa privada, enquanto o entorno seria a esfera por excelência da ação pública. O mesmo acontece com os projetos do arquiteto berlinense: sua *Hochhausstadt* (1924), **112** é "cidade de edifícios altos", seria um centro capitalista de negócios em dois níveis: no inferior se daria o tráfego de veículos e seriam implantados blocos comerciais de cinco andares; superposto a ele, ficariam as passagens de pedestres e prédios de apartamentos de quinze andares. Já sua *Mischbebauung*, a "construção mista", de 1930, combina barras multifamiliares e casas com pátios; pensava para os subúrbios, parece supor uma maior intervenção pública. → 2

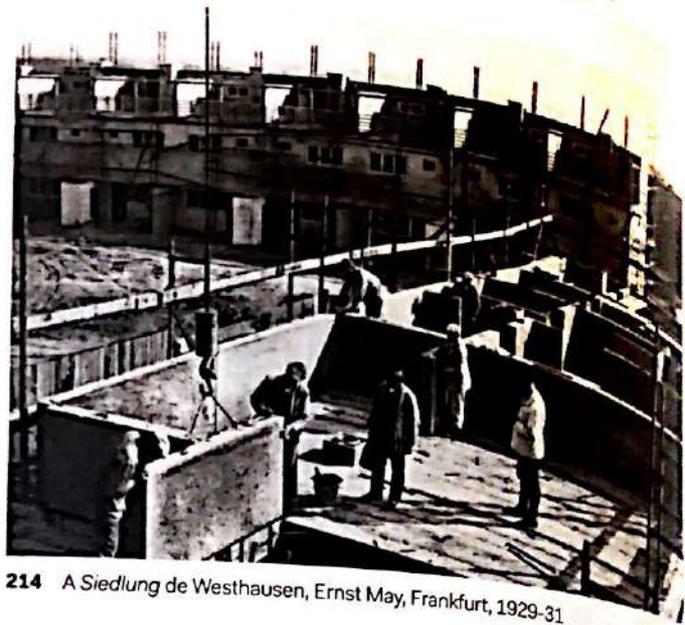
211 Prefeitura de
Hilversum, Willem
Marinus Dudok,
Hilversum, Países Baixos,
1915-31

212 ► Hochhausstadt
[cidade de edifícios altos],
projeto Ludwig
Hilberseimer, 1924





213 Winarsky-Hof, Peter Behrens, Josef Frank, Adolf Loos e outros, Viena, Áustria, 1924-28



214 A Siedlung de Westhausen, Ernst May, Frankfurt, 1929-31

O fortalecimento de governos locais conduziria também a outra forma de *Stadtkrone*: o centro cívico. Monumentos públicos fruto das práticas reformadoras, dentre eles destacam-se as prefeituras, erigidas para ressaltar a autoridade municipal. Propósito intentado seja em bairros suburbanos, como a de Boulogne (1931-34), obra de Tony Garnier e Jacques Debat-Ponsan, seja em cidades ambiciosas de porte médio, como a de Hilversum (1915-31), nos Países Baixos, 211 para a qual Willem Marinus Dudok dedicou dezesseis anos traduzindo para uma escala monumental temas da arquitetura residencial de Frank Lloyd Wright.

A Viena vermelha

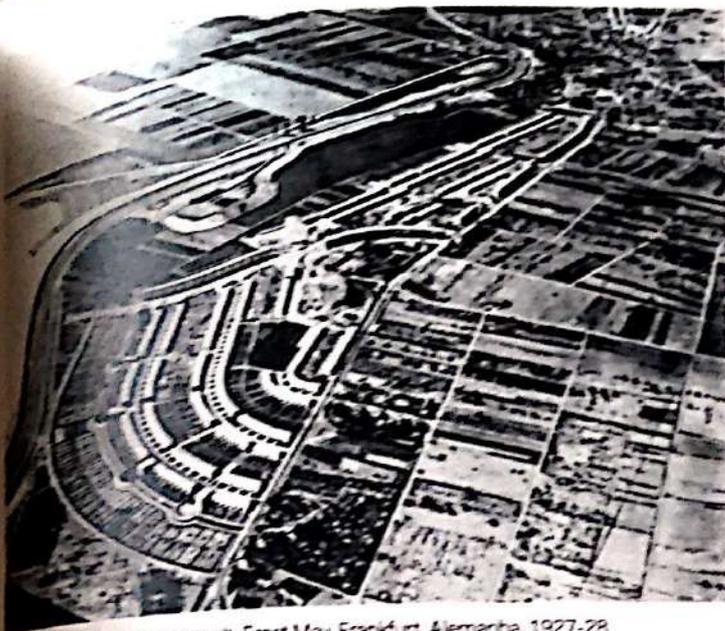
As proposições de intervenção pública estavam longe de ser idênticas de uma cidade a outra. Se o modelo de continuidade, onde o centro e a periferia têm densidades comparáveis, dominava em Amsterdã, a política seguida em Viena apoiava-se na consolidação de pontos com intensidades distintas na cidade e em seu entorno. Em Berlim e Frankfurt, observava-se uma doutrina de planejamento das periferias servidas por transportes públicos por meio da experimentação com diferentes soluções habitacionais. No intuito de garantir certos direitos e criar uma paisagem urbana harmoniosa, na maioria dessas cidades surgiam novos tipos de espaços, por meio do estabelecimento de padrões mínimos de área nos esquemas habitacionais, da limitação da propriedade privada e da previsão de parques.

Viena é um caso singular: não apenas seus projetos residenciais foram erguidos no centro da cidade, como alcançaram uma escala ambiciosa. Capital de uma Áustria bem menos poderosa do que aquela do império dos Habsburgos e abrigando 1,8 milhão dos 8 milhões de habitantes do país, de 1920 até a anexação à Alemanha nazista em 1934 a cidade era governada pelos sociais-democratas,

que instituíram o *Wohnbausteuer*, o imposto sobre os aluguéis. Essa nova receita e a compra, pela municipalidade, de extensos terrenos permitiram a realização de 64 mil unidades habitacionais – cerca de 11% das moradias disponíveis. → 3

Inicialmente, o modelo dominante era o *Hof*, o quarteirão de grandes dimensões e constituído de prédios de apartamentos distribuídos em torno de um único pátio central, dando continuidade à tradição estabelecida em Viena desde o século XVII. O primeiro foi o *Margareten Gürtel* (1919-20), de Robert Kalesa, em seguida ampliado por Hubert Gessner e passando a ser denominado *Metzleinstalerhof* (1923-24). O mais típico dessa primeira leva é o *Winarsky-Hof* (1924-28), 213 reunindo prédios projetados por Peter Behrens, Josef Hoffmann, Oskar Strnad, Josef Frank e Oskar Wlach; não foram edificadas suas versões anteriores, desenvolvidas em 1922 e 1923, sob a direção de Adolf Loos, arquiteto-chefe do *Siedlungsamt*, o Departamento de Habitação. Tal modelo passou a incluir serviços comunitários – escolas, creches, lavanderias, lojas –, ainda que continuassem a ser erigidos alguns conjuntos de baixa densidade nos subúrbios, como o *Lockerwiese*, de Karl Schartelmüller (1928), e o *Am Wasserturm*, de Franz Schuster e Franz Schacherl (1928).

Seus projetos eram desenvolvidos por órgãos municipais, que contavam com várias equipes de projetistas. Muitos deles ex-alunos de Otto Wagner, foram os responsáveis pela definição da forma urbana e por seus traços monumentais, obtidos em geral pela valorização dos eixos de composição e pela adoção de acessos superdimensionados. A jovem arquiteta Grete Schütte-Lihotzky se encarregou do desenho de cozinhas compactas para os apartamentos. Heinrich Schmid e Hermann Aichinger ergueram os conjuntos *Am Fuchsenfeld* (1924-25), *Rabenhof* (1925) e *Mateottihof* (1926-28); Emil Hoppe, Otto Schönthal, Franz Matuschek e outros realizaram o *Sandleitenhof* (1924). Além da ampliação do *Metzleinstalerhof*



215 A Siedlung Rismenstadt, Ernst May, Frankfurt, Alemanha, 1927-28

Hubert Gessner foi o responsável pelo Reumannhof (1924-26) e pelo Karl-Seitz-Hof (1926-27), este último construído em semicírculo em torno de uma grande praça, estabelecendo um novo parâmetro para a escala urbana.

Para criar uma "Ringstrasse do proletariado", em oposição aos espaços burgueses do centro da cidade, os últimos conjuntos, como o Friedrich-Engels-Platz (1930-33), de Rudolf Perco, irão se valer de uma linguagem monumental de torres e arcos. Ao mesmo tempo, surgiu também uma estética linear e mais abstrata, como no edifício projetado por Fritz Judtman e Egon Riss na Diehlgasse (1928-29). O Karl-Marx-Hof (1925-30), 216 de Karl Ehn, será o maior e mais ambicioso, estendendo-se de cada lado de uma enorme praça retangular por quase 1,3 quilômetro em uma sequência de grandes pátios onde se localizam os serviços comunitários. Seu bloco central ostenta seis torres que emolduravam quatro gigantescos acessos em arco, tal composição evocando inescapavelmente a imagem de robustos guerreiros defendendo este bastião da classe operária. O jogo de cores em vermelho e ocre acentua o forte relevo das fachadas. A capitulação dessa "fortaleza vermelha" às forças diretas, em 1934, marcou o fim do controle da prefeitura pela social-democracia e de um programa excepcional por magnitude e expressividade.

A nova Frankfurt

Em um primeiro momento, a cidade-jardim era o modelo corrente nos subúrbios europeus, porém a adesão incondicional à concepção original de Ebenezer Howard – para quem cada exemplar deveria abrigar exatamente 32 mil habitantes e ser inteiramente autônomo – logo se atenuou. Os projetos iniciais, como Le Logis e Floréal, de Louis van der Swalmen, em Watermael-Boitsfort, perto de Bruxelas (1922), o subúrbio-jardim Sokol, em Moscou,

e os primeiros conjuntos residenciais em Arcueil e Gennevilliers, na região parisiense, eram bem mais modestos e sua morfologia já se distanciava do padrão de Raymond Unwin. Mesmo assim, foram a concepção howardiana e as ideias de Unwin que levaram ao *Trabantenprinzip*, o "princípio da cidade-satélite", fundamento desenvolvido por Ernst May em Breslau e por ele aplicado nos programas que executou para a municipalidade de Frankfurt de 1925 a 1930.

Recrutado pelo prefeito democrata Ludwig Landmann para fundir os serviços de urbanismo e de obras da cidade, ele criou um órgão público de arquitetura. Em cinco anos, este impôs uma política extremamente consequente, apoiada na standardização de elementos construtivos e forte uniformização das unidades habitacionais. → 4 Com base no *Trabantenprinzip*, May concentrou os investimentos em um cinturão de *Siedlungen* em torno de Frankfurt, que serviria como ponto de partida para avanços substanciais. As soluções para a configuração desses conjuntos evoluíram rapidamente daquela adotada na Bruchfeldstrasse, (1926-27), de blocos em zigue-zague e ao redor de um pátio, mas com uma fachada urbana ainda ininterrupta, para a de Praunheim (1926), com prédios alinhados ao longo de uma rua e, finalmente, para a de Westhausen (1929-31), com prédios idênticos e paralelos. Tal transição do quarteirão fechado com pátio no seu interior para as barras paralelas, orientadas no sentido norte-sul em obediência ao *Zeilenbau* – a distribuição em linhas paralelas –, ocorreu em poucos anos. → 5 A envergadura dos empreendimentos permitiu a experimentação com elementos pré-fabricados, sobretudo em Praunheim e Westhausen, 214 em que foram usados painéis de concreto pré-moldados cada vez maiores.

A equipe de May ocupava-se também com a racionalização das ações domésticas segundo princípios tayloristas. Grete Schütte-Lihotzky desenvolveu a "cozinha de Frankfurt", 217 pensada como



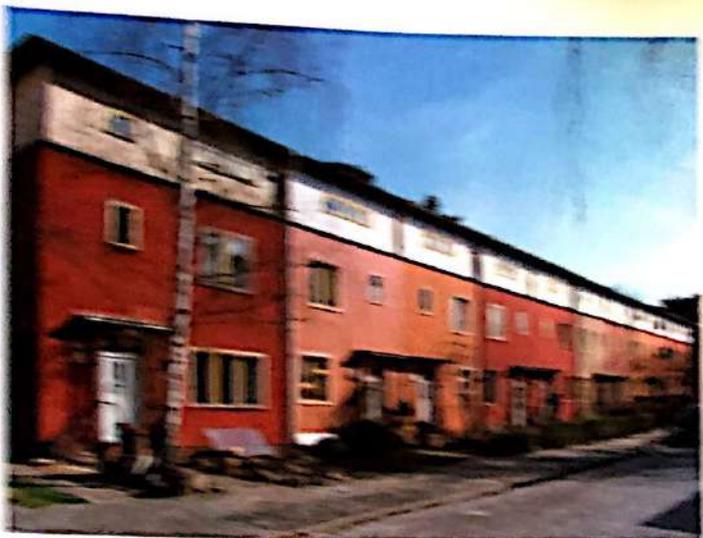
224 Expediente de projeto Ernst Taut com Leberecht Migge e Marie Wagner, Berlim, Alemanha, 1925

225 Construção de casas, Berlim, Alemanha, 1925

...a construção de residências em áreas de baixa renda... a construção de residências em áreas de baixa renda... a construção de residências em áreas de baixa renda...

Os conjuntos habitacionais de Taut em Berlim

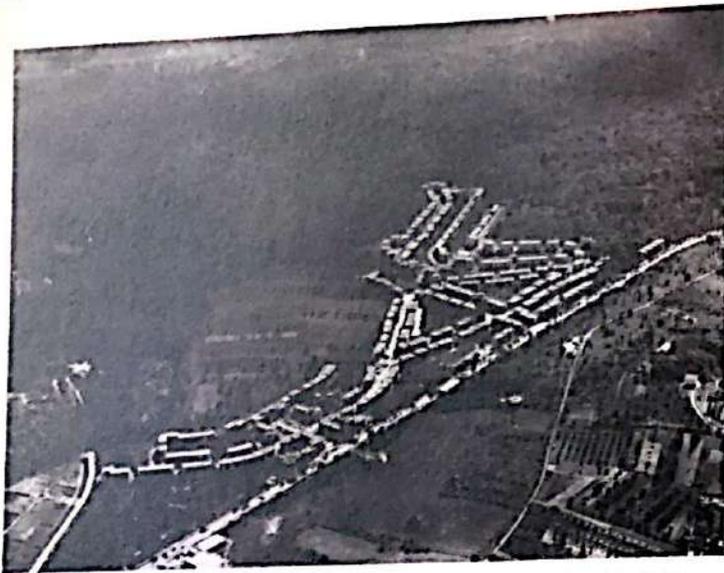
...a construção de residências em áreas de baixa renda... a construção de residências em áreas de baixa renda... a construção de residências em áreas de baixa renda...



226 Wohnsiedlung Zwei-Turm-Hütte Ernst Taut, Berlim, Alemanha, 1925-27

...a construção de residências em áreas de baixa renda... a construção de residências em áreas de baixa renda... a construção de residências em áreas de baixa renda...

...a construção de residências em áreas de baixa renda... a construção de residências em áreas de baixa renda... a construção de residências em áreas de baixa renda...



220 Conjunto habitacional da Butte Rouge. Joseph Bassompierre, Paul de Rutté e Paul Sirvin, Châtenay-Malabry, França, 1929-34



221 Arranha-céu de Villeurbanne, Môrice Leroux, Villeurbanne, França, 1930-34

Subúrbios franceses

Na França, a aplicação de uma política de habitação social foi mais intensa na região parisiense. Na própria capital, o Office Public des Habitations à Bon Marché [Departamento Público de Habitação de Baixo Custo] executou obras cuja forma urbana ainda era conservadora. Implantados nos terrenos onde ficavam as antigas fortificações da cidade, demolidas em 1919, são constituídos por imensos quarteirões com pátios abertos, que findaram por criar um verdadeiro cinturão de edifícios de apartamentos de tijolos vermelhos envolvendo a cidade, os chamados HBM. Nos subúrbios, o órgão departamental equivalente, dirigido pelo prefeito de Suresnes, Henri Sellier, salpicou a região com cidades-jardins na linha de Unwin, por vezes combinando casas unifamiliares com prédios de apartamentos. No fim da década de 1920, este modelo será substituído por conjuntos bem maiores, como o erguido por Maurice Payret-Dortail em Plessis-Robinson (1923-32), formado por grandes edifícios iguais e de concreto. Em Châtenay-Malabry, Joseph Bassompierre, Paul de Rutté e Paul Sirvin inspiraram-se nas *Siedlungen* de Frankfurt para construir o conjunto da Butte Rouge (1929-34), **220** localizado na borda da floresta de Verrières. Tendo como elemento dominante uma torre residencial, essa realização se distingue pela atenção dada à topografia e pela diversidade de ruas e praças, mas sem concessões a algum caráter pitoresco que pudesse lembrar uma aldeia (embora usasse os sistemas básicos das cidades-jardins). Na opinião de Sellier, "um grupo de casas baixas sem um elemento proeminente, sem arroubos arquitetônicos, sem nenhuma elevação que sirva como ponto de reunião" não passa de "um loteamento sem personalidade e sem alma." →¹¹ Tratava-se da necessidade de um "signo visível" que substituisse os tradicionais campanários e torres e, ao mesmo tempo, indicasse que o conjunto residencial agora predominava sobre outras formas de associação urbana, como a paróquia ou a prefeitura.

Diferentemente de conjuntos próximos de bosques ou no campo, o bairro de arranha-céus de Villeurbanne (1930-34), **221** municipalidade socialista perto de Lyon, chama a atenção justamente por sua verticalidade. No extremo de uma avenida ladeada por edifícios escalonados e de estrutura metálica, as torres levantadas por Môrice Leroux pretendiam definir um centro alternativo ao coração histórico da área metropolitana de Lyon, afirmando assim a autonomia das cidades da periferia. No extremo oposto, a sede da Prefeitura e a Casa do Povo confirmam tal intenção em grande escala, transformando o bairro em uma referência simbólica e local de iniciativa coletiva, em oposição à cidade burguesa. →¹²

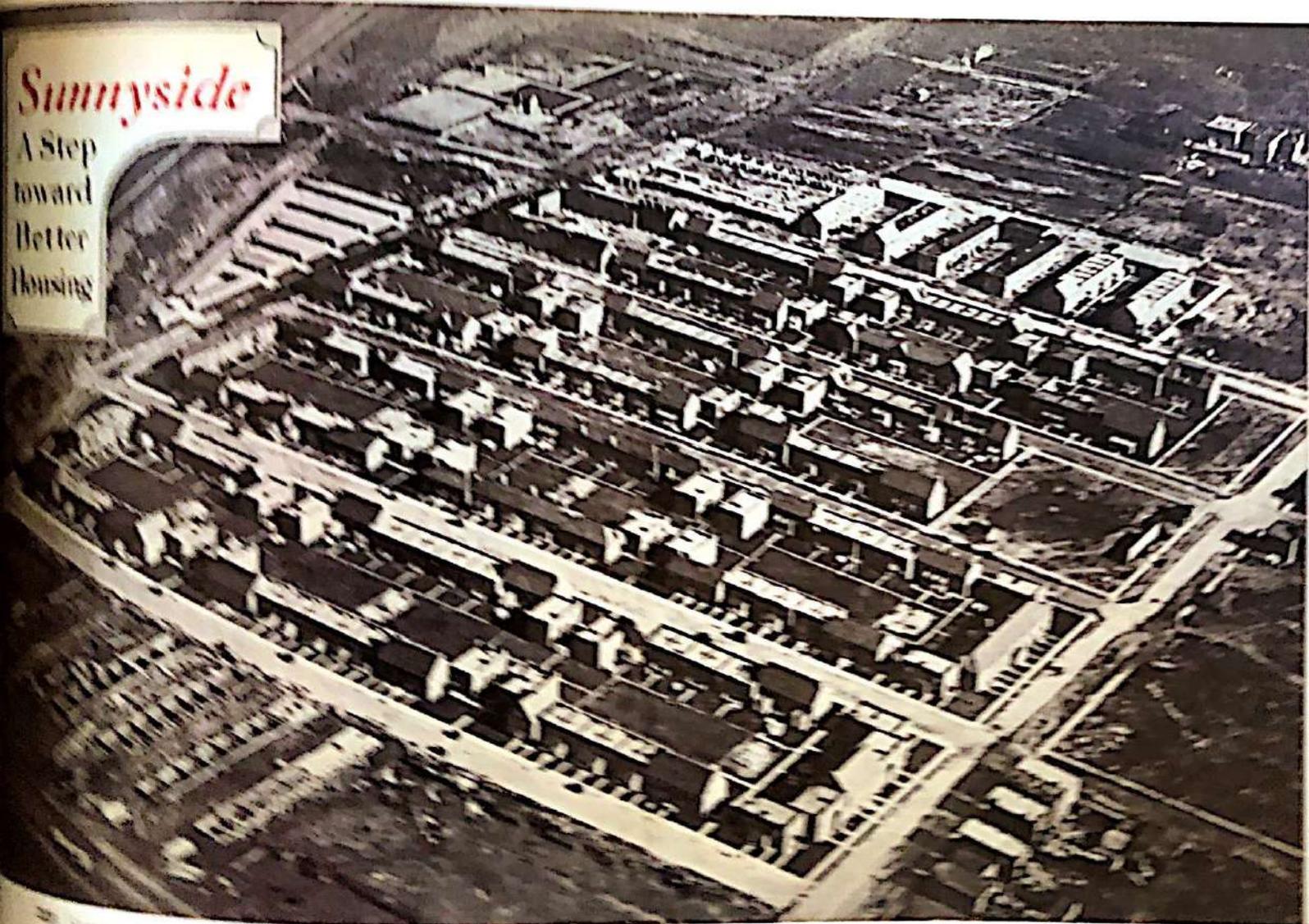
Ecos além-mar

Os modelos europeus de habitação social ecoaram no Japão, que começara a importar a cidade-jardim já em 1907, com o nome de "cidade pastoral". Trabalhando com o incorporador e filantropo Eiichi Shibusawa, o arquiteto Kitaro Yabe construiu a cidade-jardim Denenchofu, localizada nas proximidades de Tóquio, segundo um plano radial orientado para a estação ferroviária localizada em seu centro. →¹³ Após o terremoto de 1923, que arrasou grande parte de Tóquio, a companhia construtora Dojunkai ergueu, nos dez anos seguintes, sequências de prédios de apartamentos em concreto semelhantes àqueles dos conjuntos europeus, em Omotesando **222** (demolidos em 2003) e Daikanyama (demolidos em 1996). →¹⁴

Em seu livro *Modern Housing* (1934), a reformadora americana Catherine Bauer observa que os Estados Unidos possuíam conjuntos habitacionais modelares – em geral realizados por iniciativa de cooperativas – que competiam com aqueles da Europa. →¹⁵ O mais elogiado é Sunnyside Gardens (1924-26), **223** no Queens, em Nova York, assinado por Clarence Stein, Henry Wright e Frederick Ackerman, cuja austera arquitetura de tijolos é alegrada por jardins da

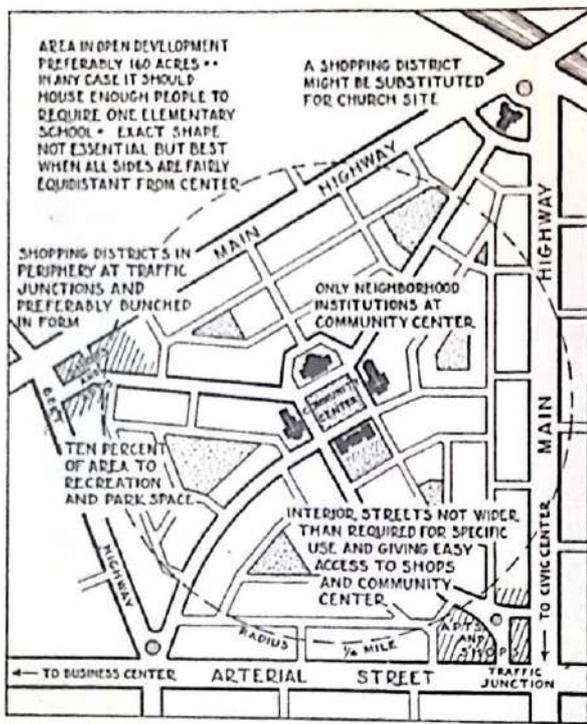


Edifício de apartamentos da Companhia Deputada, Omeiasarda, Tóquio, Japão, 1924-26, desenhado em 1923



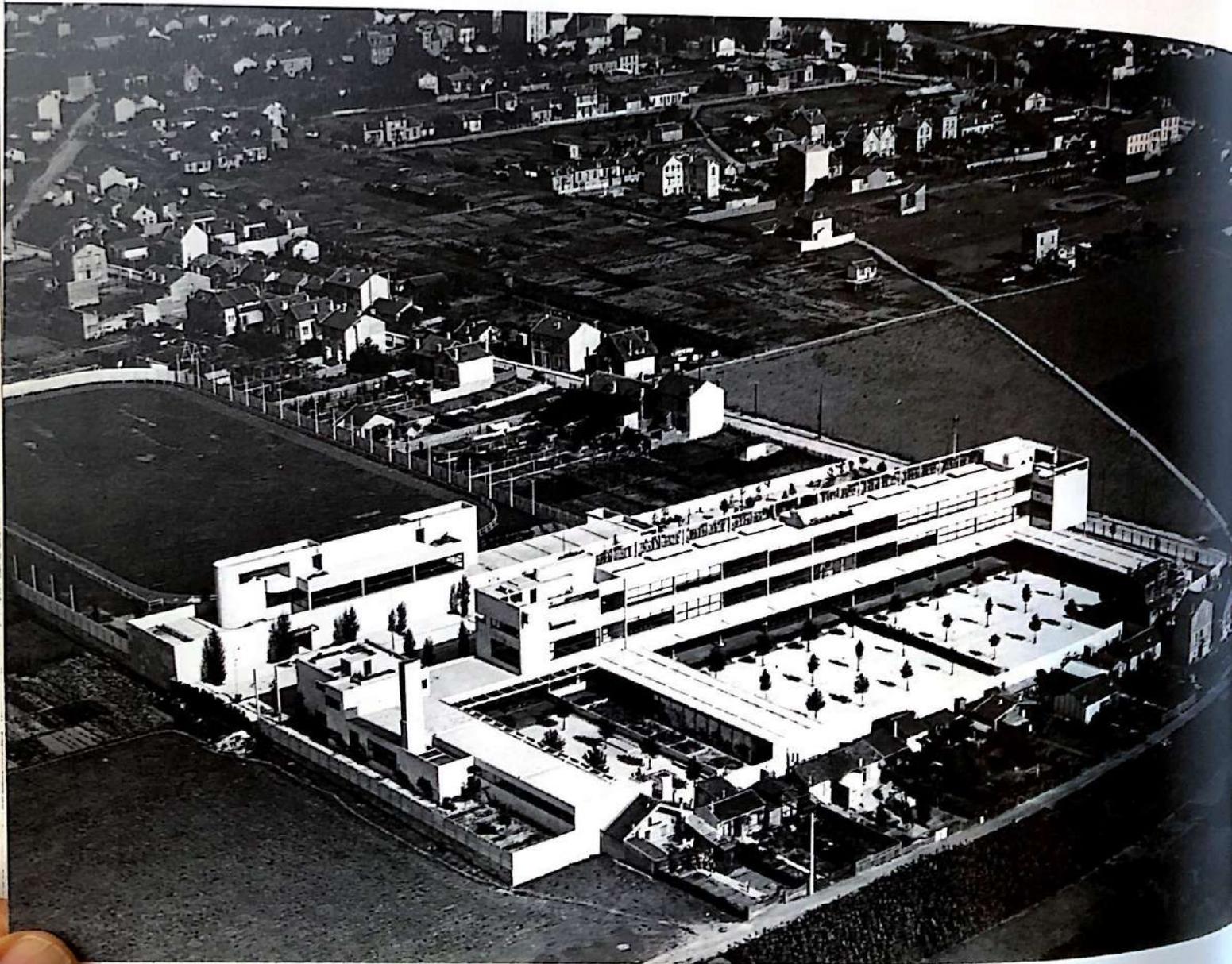
Sunnyside
A Step
toward
Better
Housing

Sunnyside Gardens, Thomas H. Curtis, Queens, New York, U.S.A., 1924-28

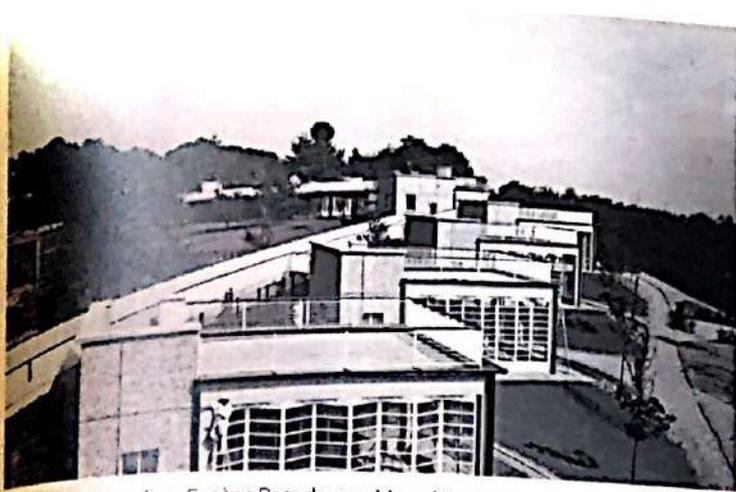


224 A Unidade de Vizinhança, ilustração em *Neighborhood and Community Planning*, Clarence A. Perry, 1929

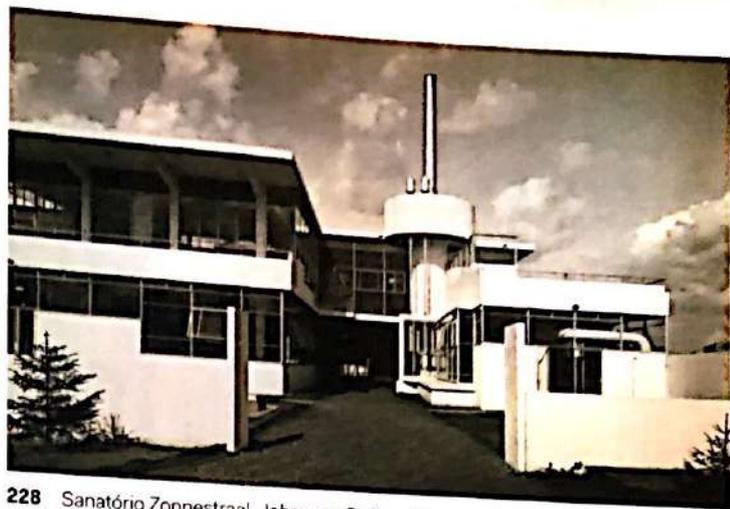
225 Cidade-satélite Radburn, Clarence Stein, Henry Wright e Frederick Ackerman, New Jersey, EUA, 1927-29



École Karl Marx, André Lurçat, Villejuif, França, 1930-33



227 Escola ao ar livre, Eugène Beaudouin e Marcel Lods, Suresnes, França, 1934



228 Sanatório Zonnestraal, Johannes Duiker, Hilversum, Países Baixos, 1926-28

paisagista Marjorie Sewell Cautley. A mesma equipe foi responsável pelo Hillside Homes, no Bronx (1935). Nos dois casos, os quarteirões típicos de Nova York são configurados como "superquadras", tendo os prédios em seu perímetro e amplas áreas de lazer e jardins em seu interior. Com Radburn, em Nova Jersey (1927-29), **225** a mesma equipe introduziu uma modificação fundamental no modelo da cidade-jardim – que já havia sido reformulada no contexto das *Siedlungen* alemãs – ao levar em conta, de maneira sistemática, o automóvel. O tráfego de veículos e o de pedestres se daria por circulações separadas, às vezes até mesmo em níveis diferentes. O conjunto ficou inacabado devido ao *crash* de 1929, mas inspirou dezenas de realizações nos Estados Unidos. → 16

Apesar da crise econômica, Oscar Stonorov e Alfred Kastner conseguiram concluir as Carl Mackley Houses (1932), na Filadélfia, executadas para a filial local da federação americana de trabalhadores da indústria de meias. O vocabulário empregado está mais próximo de André Lurçat – com quem Stonorov havia trabalhado – do que de Le Corbusier, embora a sua ideia de prédios em redentes tenha sido aproveitada. No mesmo período, o economista americano Clarence A. Perry, trabalhando para o Plano Regional de Nova York, dedicou-se a definir regras sociais e quantificar as dimensões de bairros residenciais. Com base em estudos sociológicos, criou o conceito de *neighborhood unit*, a influente "unidade de vizinhança", **224** para descrever a estrutura e a escala da menor unidade urbano-residencial capaz de permitir uma boa vida coletiva. → 17 Incorporado aos planos americanos da década de 1930, esse conceito iria se propagar para o resto do mundo após a Segunda Guerra Mundial.

Equipando as periferias

Os conjuntos habitacionais da década de 1920 oferecem uma variedade e uma densidade de equipamentos públicos sem precedentes.

Os centros esportivos e de lazer – como as casas do povo e os clubes operários – se multiplicavam, mas as edificações destinadas ao ensino eram as mais características. Correntes pedagógicas progressistas aliaram-se à experimentação arquitetônica para produzir um novo tipo de prédio escolar bem iluminado, com espaços abertos e pronto a acolher novas atividades. Entre esses, destacavam-se as escolas ao ar livre, como as de Johannes Duiker, em Amsterdã (1926-28), e de Eugène Beaudouin e Marcel Lods, em Suresnes (1934). **227** Elas foram concebidas adotando-se a solução de terraços ensolarados, conforme desenvolvida em projetos de sanatórios para tuberculosos, como o Sanatório Zonnestraal [Raio de Sol], de Duiker, em Hilversum (1926-28), **228** o que permitia transformar a escola em uma máquina higiênica na qual o cotidiano das crianças pode ser acompanhado de perto. → 18

Entre 1930 e 1933, André Lurçat construiu uma escola nomeada em homenagem a Karl Marx **226** para a prefeitura comunista de Villejuif, um subúrbio de Paris. O edifício é um verdadeiro manifesto de modernidade em meio a medíocres conjuntos habitacionais. Seus pilotis, janelas horizontais em fita e terraços foram dispostos segundo uma geometria precisa, em uma espécie de versão exagerada das problemáticas corbusianas. Em um ambiente totalmente integrado, em que mobiliário, sinalização e detalhes construtivos seguem uma mesma estética, a escola prometia às crianças das periferias acesso a equipamentos de uma qualidade nunca vista em bairros carentes. → 19 No fim da década de 1930, o esforço arquitetônico sem precedentes levado a cabo nas periferias de Paris repetia-se em muitos países europeus e até em escala mundial. → 20 O resultado foi algo novo na estrutura urbana – o bairro equipado com edificações necessárias à vida comunitária e oferecendo um maior nível de conforto. Os frutos da aliança entre arquitetos, paisagistas e autoridades públicas não só respondiam aos anseios das populações suburbanas como já prefiguravam os centros urbanos densos do futuro.